

Sem baixar as bandeiras

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF).



Jaldo de Souza Santos,
Presidente do CFF
E-mail presidencia@cff.org.br

Os festejos natalinos e de Ano Novo trazem alegrias, dão um sentido de reinício e fortalecem os laços que nos ligam a Deus e às pessoas. A pausa que se faz, nesse período, é um tempo para um breve fôlego, sem que se deixe de empunhar as bandeiras de luta. Eu chego a 2010, pleno de realizações e, por conseguinte, feliz. Oitenta por cento dos farmacêuticos goianos elegeram-me Conselheiro Federal de Farmácia por Goiás e, no dia 17 de dezembro de 2009, o Plenário do CFF, em sua ampla maioria (cerca de 85% dos votos dos 26 Conselheiros), reconduziu-me à Presidência do órgão.

Sou agradecido aos colegas pela confiança em mim depositada. Porém, mais que comemorar vitórias, a hora é de intensificar a luta. Muitos são os desafios que pesam sobre o Conselho, e grandes, as expectativas que a sociedade e os sistemas público e privado de saúde têm de nós, farmacêuticos.

Nos últimos dez anos, a nossa profissão e o próprio Conselho Federal de Farmácia apresentaram um crescimento e uma transformação acima de

qualquer previsão. A profissão diversificou-se de tal maneira que, hoje, reúne 76 diferentes atividades. E todas elas estão regulamentadas pelo CFF.

O órgão acompanha, passo a passo, a expansão de cada atividade profissional que, numa velocidade assombrosa, desdobra-se, divide-se em vários novos segmentos. Esta é uma prova irrefutável de que a profissão, uma das mais antigas da humanidade, é dinâmica e experimenta um processo de renovação permanente, apresentando-se como uma das profissões do futuro. Mais que acompanhar, o CFF regula cada uma delas, criando parâmetros e dando segurança aos farmacêuticos que nelas atuam.

Desde que assumimos a Presidência do Conselho Federal de Farmácia, delineamos políticas que inserissem o CFF no processo de renovação e crescimento da profissão. A Farmácia é uma área em que o profissional precisa acumular um complexo conhecimento técnico-científico e humanístico. De sorte que, na Farmácia, crescer passa pela qualificação.

Passa, ainda, pelo desenvolvimento de uma consciência social que remeta o farmacêutico, um profissional da saúde de amplos saberes e fazeres, a assumir, também, responsabilidades sociais.

Em nossa gestão, entre tantas ações, abrimos espaços para os farmacêuticos nos serviços públicos e privados de saúde. Não por corporativismo, como argumentam alguns incautos, mas porque os serviços farmacêuticos são imprescindíveis à sociedade.

Defendi que o profissional deveria alcançar um bom nível de excelências técnica e científica, para assumir as novas funções que lhe são oferecidas, para dialogar com os demais integrantes das equipes multiprofissionais, e para lidar com os pacientes que, diga-se de passagem, são cada vez mais exigentes, dotados de crescentes níveis de informação e de consciência dos seus direitos, mas também portadores (muitos deles) de novas doenças. De sorte que é inconcebível ser um prestador de serviços em saúde e fazer frente a essa demanda diferenciada, sem a devida qualificação, sem a necessária atualização científica.

Assim, em janeiro de 2008, apelei ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto, no sentido de que ele incluísse os serviços farmacêuticos nos programas de atenção básica do SUS (Sistema Único de Saúde). Mas não sem antes citar os benefícios desses serviços e os prejuízos gerados pela ausência dos mesmos. Lula fez

publicar, no “Diário Oficial da União”, a Portaria 154/08, criando os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASFs). Esses Núcleos são o espaço onde os farmacêuticos estão atuando dentro do PSF (ou ESF - Espaço Saúde da Família, de acordo com a nova denominação).

Esta conquista levou à luta para intensificar a qualificação dos farmacêuticos, da forma mais abrangente possível, que irão atuar na Saúde da Família. Então, ressuscitamos a Fundação do CFF, voltada exclusivamente para o ensino farmacêutico em níveis de especialização e pós-graduação, e criamos o revolucionário curso “Assistência Farmacêutica na Farmácia Comunitária”, ministrado, nas capitais, e que está sendo transformado em curso de pós-graduação, com carga horária de 500 horas. O curso terá duas versões: a presencial e de ensino à distância via Internet.

Abrimos importantes canais de comunicação com o Governo, com a Câmara dos Deputados, com o Senado e com organizações internacionais de saúde, como a OMS e a FIP (Federação Farmacêutica Internacional). Ampliamos, também, a nossa própria comunicação. A revista “Pharmacia Brasileira”, com mais de 120 páginas, além de encartes técnico-científicos, atinge a tiragem de 120 mil exemplares e chega cada vez mais longe.

A visitação ao nosso *site* cresce, a cada dia, e o programa de entrevistas, idealizado e produzido pelo jornalista Aloísio Brandão, nosso assessor

“MUITOS SÃO OS DESAFIOS QUE PESAM SOBRE O CONSELHO, E GRANDES, AS EXPECTATIVAS QUE A SOCIEDADE E OS SISTEMAS PÚBLICO E PRIVADO DE SAÚDE TÊM DE NÓS, FARMACÊUTICOS”

(Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF).

“OS FARMACÊUTICOS SÃO PARTE DO CONTEXTO SOCIAL DE UM PAÍS CARENTE DE SERVIÇOS DE SAÚDE E, POR CONSEQUENTE, NÃO PODEM SE FURTAR A OFERECER SERVIÇOS, COMO OS DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA PRESTADA NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS. É ASSIM QUE O FARMACÊUTICO QUER SER RECONHECIDO: COMO UM ALIADO DA SOCIEDADE”

(Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF).

de imprensa, sem custo para o CFF, alcança grande audiência. O programa, que leva o nome de “Entrevista Farmacêutica”, vai ao ar, às quartas-feiras, sempre a partir das 15h30, pela “Rádio Nacional para a Amazônia” (ondas curtas) – emissora da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), pertencente ao Governo Federal, antiga Radiobras -, mas que pode ser ouvido, ao vivo, pelo nosso *site*.

Não é só: firmamos parceria com a “Agência Rádíoweb”, que está distribuindo, semanalmente, para cerca de 2 mil emissoras de rádio AM e FM de todo o País, matérias tendo por fonte o CFF e farmacêuticos de todo o País.

As nossas ações foram além das fronteiras nacionais. Criamos laços com as maiores organizações farmacêuticas e de saúde internacionais e nos alinhamos ao moderno pensamento farmacêutico do mundo.

Mas o ensino é uma prioridade nossa. Ainda que esta não seja uma atribuição legal do CFF, voltamos as nossas atenções para o ensino farmacêutico na graduação. Trouxemos o assunto para a discussão, em âmbito nacional, e provocamos a edição das Diretrizes Curriculares, em 2002. As Diretrizes trouxeram mudanças profundas na educação farmacêutica.

E por que mudar? Porque o ensino encontrava-se engessado e preso a um tecnicismo arcaico e pouco produtivo. Precisava ser reformulado, para formar farmacêuticos com múltiplas habilidades, senso crítico e responsabilidade social; que sejam

profissionais habilitados a enfrentar a demanda de um novo mercado e de uma sociedade em transformação e mais consciente, inclusive do seu direito à assistência farmacêutica.

Nesta gestão que se inicia, vamos dar sequência ao nosso trabalho na área da educação farmacêutica. Queremos avaliar, amiúde e intensamente, as unidades de ensino farmacêutico, para melhorar o conteúdo programático e os seus laboratórios, com vistas a aprofundar a formação do farmacêutico. Lutaremos, ainda, pela ampliação dos cursos de especialização e pós-graduação.

Outra prioridade é intensificar a fiscalização, mas com uma nova orientação: a de que os fiscais não cheguem às farmácias e drogarias, aos laboratórios de análises clínicas e a outros estabelecimentos apenas com fins fiscalizadores - ao pé da letra -, nem imbuídos exclusivamente do espírito de punição, mas que sejam, também, orientadores, parceiros dos farmacêuticos fiscalizados e que transportem o pensamento dos Conselhos Federal e Regionais e tragam a estes as reivindicações dos profissionais.

No mais, é insistir em afirmar que os farmacêuticos são parte do contexto social de um País carente de serviços de saúde e, por conseguinte, não podem se furtar a oferecer serviços, como os de assistência farmacêutica prestada nas farmácias e drogarias. É assim que o farmacêutico quer ser reconhecido: como um aliado da sociedade.